

1^A PARTE

VERMELHO

Um espinho arranhou-me a perna. Era de um ramo de arbustos de amoras-pretas. Mal eu vira os três pontos vermelhos no campo de espigas amarelas, desviara logo o guiador prateado da minha bicicleta para a beira da estrada; aquele guiador com os punhos de plástico de um vermelho-rosado que começavam a fazer-me bolhas nas mãos porque já eram demasiado pequenos para mim. Eu saltara da bicicleta e deixara-a cair para cima das ervas junto da pequena vala que tinha de pular. O espinho rasgou-me a pele e deixou-me na perna um risco vermelho de onde saía um pequeno fio de sangue. Muito pouco, apenas o suficiente para tingir de vermelho o arranhão e nem conseguiu transbordar e escorrer pela perna.

Não dei importância. Porque as papoilas estavam ali, não muito longe de mim. Havia uma brisa suave, o dia e os campos dormitavam ao sol e as pétalas delicadas esvoaçavam quando eu, depois de ter arrancado as flores da terra e de as ter apertado entre a minha mão e o guiador, seguia com elas para casa. Uma pétala caiu pelo caminho, e pouco antes de chegar à porta caiu mais outra. E depois, ao fim da tarde, na jarra, elas adormeceram e todas as pétalas caíram sobre a mesa. Quando eu era criança, fiz muitas vezes essa experiência. Voltava sempre a apanhar papoilas e voltava sempre a ficar um bocadinho desiludida por elas não quererem continuar tão lindas e vermelhas na nossa cozinha.

Por detrás dos meus olhos, sempre que os fechava, havia o vermelho e o escuro. Era o ponto de partida para adormecer. Era um

escuro, mas não exatamente perigoso; eu conhecia-o e achava-o tranquilizador. Só quando alguém acendia a luz ou eu tentava dormir na praia é que por vezes sentia uma luz demasiado intensa, tirando isso, até gostava do vermelho por detrás das pálpebras fechadas.

No meu calendário com animais e cenas da natureza descobri um sapo vermelho no meio de folhagem verdejante. Não conseguia acreditar que ele existisse mesmo. Fui perguntar à minha mãe, e ela disse que sim. Na natureza existiam cores fantásticas, e ela leu-me o que estava escrito na parte de trás da folha do calendário e falou-me dos caranguejos de África que passeavam pelas estradas em colónias de couraçados vermelhos quando ela conheceu o meu pai.

Não consigo imaginar que existem na natureza coisas grandes de cor vermelha. Banhos de sangue, quando baleias de barriga branca vêm nadar para a superfície, porém a isso não quero chamar natureza. Se bem que, se calhar, é mesmo natureza, não sei. Depende da maneira como vemos o homem com aquilo que ele faz.

Primeiro tínhamos afagado os cachorrinhos, o meu irmão mais novo e eu. Os pais da nossa *baby-sitter* tinham uma quinta e, três semanas antes, a cadela deles tivera filhotes numa casa de banho revestida de azulejos verdes que não era utilizada. Assim que nós os dois soubemos, todos os dias implorávamos que nos deixassem ir ver os cachorrinhos.

Estava um cheiro horrível na pequena casa de banho, bati com a cabeça no lavatório, os animais gatinhavam por toda a parte e eu perguntei se podia ficar com um, mas, de qualquer modo, isso foi posto de lado. Primeiro, era preciso perguntar à mãe e ao pai, acho que era mais ou menos assim.

Na cozinha mesmo ao lado da casa de banho encontravam-se uns velhotes, sentados num banco de canto. Em cima da mesa um grande cinzeiro amarelo, como num bar. A cozinha estava cheia de fumo. Riram-se quando a nossa *baby-sitter* passou por eles connosco.

— Ficam-te bem, as crianças — comentou um deles.

— Pare com isso, pai — retorquiu ela, e eu fiquei muito admirada por o pai dela já ter tão poucos dentes.

Eu tinha quatro anos e, de certo modo, gostava dos camponeses de Ostwestfalen, apesar do horror que sentia pelas suas mãos enormes, ressequidas e vermelhas, que quase me esmagavam os dedos quando me cumprimentavam.

E tinha o tique de tossir quando eles falavam com o seu sotaque característico, porque aqueles erres rolados davam-me a sensação de que precisava de limpar a garganta.

— Agora vamos só ver os porquinhos e depois vou levar-vos novamente para casa — afirmou a nossa gorda *baby-sitter*.

— Isso mesmo — disse um dos que estavam sentados no banco.

Os porquinhos encontravam-se num curral mesmo atrás da cozinha. Era um espaço de passagem escuro e uma das paredes era feita de tábuas pregadas, pelo que apenas se ouviam uns pequenos grunhidos estridentes e leves pancadas contra a madeira e a palha que restolhava sobre a pedra. No curral a única luz era a da lâmpada vermelha, deixando ver os bacorinhos que tentavam enfiar-se pelas fendas das tábuas.

O Johannes ia de mão dada comigo. A *baby-sitter* passou conosco mesmo junto às tábuas e vi uma abertura.

A luz vermelha fazia-me sentir tanto calor nos olhos que nem conseguia espreitar, ou então era a pele dos porquinhos que estava muito quente, havia qualquer coisa que parecia turvar-me a vista e nada era tão real como eu desejara. Contudo, o meu coração de criança derreteu-se ao ver os animaizinhos de um vermelho-rosado e a excitação exagerada com que grunhiam, andando de um lado para o outro, agitando as caudas fininhas como minhocas.

Queria pegar neles ao colo, e beijar os seus focinhos húmidos, e fazer-lhes festinhas, e embalá-los, e lavá-los com champô cor-de-rosa, e vesti-los de uma maneira muito fofinha, levá-los para casa, e pô-los no carrinho das bonecas, e que eles nunca crescessem.

— Posso ficar com um? — perguntei, tal como já tinha tentado com os cachorrinhos.

A *baby-sitter* riu-se.

— Um porquinho? Não, menina, esquece já isso.

— Mas vocês têm tantos. Bem podiam oferecer um a mim e ao Johannes. Não era, Johannes, também gostavas de ter um porquinho?

O meu irmãozinho fez uma expressão radiante e acenou que sim. Basicamente, achava sempre muito boas todas as ideias que eu tinha.

— Vocês não precisam deles todos, bem podiam dar-nos um — disse eu, estendendo os braços com as mangas arregaçadas para dentro do curral, por forma a conseguir afagar tantos quanto possível de uma só vez. O Johannes comprimia-se contra mim e estendia também os braços junto aos meus e dava palmadinhas nos bacorinhos que eu queria ser a única a acariciar.

— O que é que vão fazer com todos eles? — perguntei à *baby-sitter*.

— Ora, eles são para matar — respondeu ela, e senti aquela palavra dentro da minha boca e tentei repeti-la em silêncio, e senti-a como brutal, mas também como própria de adultos. De qualquer modo, sabia que, se questionasse essa palavra junto de adultos, a reação deles podia ser incômoda. Nada perguntei. Também não pude, porque o Johannes tinha feito chichi nas calças e a *baby-sitter* gorda foi com ele à casa de banho. Eu quis ficar ao pé dos porquinhos, ela autorizou e vi-me ali sozinha, o que para mim, em criança, era uma sensação simultaneamente insólita, emocionante e pouco confortável.

Já não sei quanto tempo ali fiquei de pé, também não me recordo exatamente daquilo que fiz. Contudo, lembro-me dos gritos.

Gritos como se alguém enfiasse uma lata cortada na boca duma mulher aos berros. Crepitantes, soltando-se da garganta, passando pelo nariz, grunhindo, subindo pelo estômago e depois estridentes no auge da força e da altura, até se transformarem num só fio de ar.

Eles vinham do enorme portão do pátio, um portão escuro com dois batentes que ficava em frente da porta da cozinha atrás da qual o Johannes e a rapariga tinham desaparecido, e assim que me pas-

sou o susto inicial tive de ir até ao portão. Estava com medo de que se zangassem comigo, era como com a palavra «matar», que eu não questionava, porque pelos vistos não era para ser questionada, porém eu *tinha* de ir ver.

Quando me pus em bicos de pés para chegar à maçaneta de ferro da porta, preocupava-me mais o medo de ser apanhada do que ver alguma coisa má que ali houvesse. E o que podia eu imaginar de coisas más? Em casa não tinha imagens dessas. Noticiários não estava autorizada a ver, via muito pouca televisão, só tinha vindo ao mundo quatro anos antes. Seja como for, as crianças conseguem farejar quando algo de diferente está a acontecer, e eu tinha de ver, de espreitar, mesmo que só por uma pequena fresta.

Como me inclinei em bicos de pés e me apoiei na porta, esta começou a abrir-se lenta e pesadamente, sem que eu conseguisse agarrá-la, até ficar toda aberta. O batente fez um estrondo ao chegar à parede do pátio. Fiquei ali de pé, ao meio do vão da porta, a sentir o cheiro do sangue que emanava vapor, numa espécie de banheira. Por cima estava pendurado um porco aberto de alto a baixo, e perguntei a mim mesma se teria sido ele que lançara aqueles gritos. Tinha uma pata atada com uma corda e presa a um gancho enorme, e os homens estavam a retirar coisas vermelhas de dentro da barriga dele.

Por todo o lado um vapor vermelho que ficou na minha memória, nalguns sítios tão forte como o vermelho por detrás das minhas pálpebras cerradas. Alguns homens tinham aventais e eram de grande estatura. Estavam muito concentrados e eu ali parada a olhar, como olhamos para os exercícios de matemática que temos de resolver.

— Alguém leve a miúda dali — exclamou um homem com um avental manchado de sangue. Tinha uma faca na mão. Não senti medo dele. Para mim, ele era apenas a manifesta encarnação dos adultos: estranho, enorme, sério e em ação.

A porta foi fechada e pela fresta ouvi alguém gritar:

— Anni! Que raio, Anni, toma conta dos miúdos!

A Anni chegou com o Johannes pela mão e fomos para casa. Não fiquei traumatizada. Em pequena fui alimentada com carne.

Sandes de enchidos. Mortadela comprada num talho que vendia uma variedade específica para crianças. Não era eu que podia escolher essas coisas. Tal como aconteceu com o meu batismo. Ninguém me perguntou nada. A primeira coisa que bebi foi leite. Depois vieram os legumes e com o primeiro dente a carne.

Fui habituada desde o início.